

O (IM)POSSÍVEL

Susana de Figueiredo

susanafigueiredo@jm-madeira.pt

O documentário é uma produção independente a clamar por 'luz' sobre um mundo de resistentes que permanece em imersão: o dos músicos/compositores madeirenses a braços com travessias impossíveis quando se trata de exportar a sua música.

São mais de cinquenta os que narram e sentem, por dentro, esta velha história. São muitos; mas poderiam ser ainda mais, nota a realizadora Cristina Vieira, em entrevista ao JM.

Começemos pelo verbo do subtítulo: "cativa", que, se calhar, também poder ser adjetivo. Ocorre-me um sentido dúbio: o cativar de conquistar e, por outro lado, o cativar de 'estar cativo'. Existe essa intenção?

Eu sou continental, e sempre vi os ilhéus como seres superlativos na sua forma de criar, de inventar. Talvez seja uma visão algo romântica. Ou não...

É propositada essa dupla leitura. Por um lado, nós, os produtores estéticos, criadores, portadores de uma mensagem, ansiamos que a nossa obra seja cativante, que a nossa mensagem chegue ao maior número de pessoas possível, contudo, por outro lado, pensamos: será que esta mesma mensagem, seja ela musical, no domínio das artes plásticas, ou noutra qualquer expressão artística, permanece cativa numa geografia insular, que tanto nos inspira mas que nos aprisiona? Esta questão, além de pertinente, no meu entender, é demasiado antiga para ser ignorada. Deve ser pensada e repensada por todos os que se preocupam com o estado da nossa cultura, e também por quem tem os meios, os saberes técnico e logístico, para poder, pelo menos, começar a mudar o paradigma vigente. Talvez aqui, com este documento videográfico, se estejam a abrir portas, cabeças e oportunidades para que a criação se possa internacionalizar. Com isto, naturalmente, a cultura cresce, avança, cativa, cria oportunidades, renova-se, inspira, motiva, e, claro, leva o nome 'Madeira' aos quatro cantos do mundo, se quisermos.

Explique-me como, dentro de si, se fez luz para lançar mãos a este documentário? O que terá ligado o 'interruptor'?

O desafio foi-me lançado pelo músico Nuno Filipe, que vive na pele este paradigma da procura de uma



A arte pressupõe, ou deveria pressupor, travessia, evasão, viagem. Não fossem tantas as fronteiras que se erguem, e por vezes esmagam, quem, pela arte, ousa sonhar mais alto. Um ilhéu nunca teve, nem nunca terá, a vida facilitada. Aqui, as asas nem sempre são para voar, e esse é, porventura, o mais cruel dos cativos de quem nasce de olhos deitados ao azul profundo.
Ao infinito. É urgente:
'Faça-se luz' sobre a ilha.

ponte para o mundo. As interrogações que referi são tema frequente entre músicos, e transversais a qualquer expressão artística que queira posicionar-se no panorama internacional. Quisemos dar voz a todos estes músicos, valorizando os seus pontos de vista, deixando cá para fora esta partilha de opiniões, esta procura de respostas.

Colocá-los sob o foco dessa luz...

Far-se-á luz se, por um lado, forem desencadeadas reflexões e iniciativas, quer individuais, quer coletivas, quer institucionais, ou não, tomando em conta a visão de quem está no terreno e vive esta realidade insular. Por outro lado, o filme traz à luz do dia um grupo significativo de projetos e músicos criativos, que nem sempre são conhecidos ou passam deveras despercebidos aos olhos dos nossos agentes culturais, regionais e, lá está, inevitavelmente, aos olhos dos agentes nacionais e internacionais. Logo aqui, evidencia-se uma outra potencialidade deste documentário: servir

o processo de edificação do filme? O seu propósito firmou-se de imediato?

A ideia foi bem concreta e objetiva desde o início. Mesmo antes de começarmos a inquirir os músicos, sabíamos que partiria de uma única questão, dirigida a todos: 'Como exportar a música e os músicos madeirenses criativos para o mundo?'. Feitos os contactos necessários com o Museu de Eletricidade - Casa da Luz, na pessoa da sua diretora, a Dra. Luísa Garrido, que acolheu este projeto incondicionalmente, desde o minuto zero, logo agendámos todas as entrevistas naquele espaço. A fase seguinte tornou-se, esta sim, de uma complexidade mais exigente. A mon-

tagem e a triagem de respostas, para que o encadeamento argumentativo fosse claro e objetivo, respeitando o ponto de vista de cada entrevistado, mas também imprimindo no filme o ritmo e o interesse suficientes para manter a atenção dos espetadores, somou muitas horas de edição, de avanços e recuos, até estarmos satisfeitos com o resultado final; tanto do ponto de vista do argumento, como do ponto de vista da fotografia do documentário, onde quis realçar a casa que nos estava a acolher, o que nos levou, quase inevitavelmente, ao próprio título do documentário, em jeito de homenagem ao Museu da Eletricidade.

E a escolha do elenco, como se processou? Quais foram os principais critérios?

A lista é extensa. Por ordem de intervenção no filme: Miguel Meneses, Daniel Henriques, Rodolfo Cró, Fernando Almeida, Bruno Freitas, Duarte Gomes, Juan Freitas, Chico Freitas, Miguel Apoli-



Infelizmente, há muitos talentos que se perdem. Ou porque desistem pela tal falta de oportunidades, ou porque se dedicam a outra atividade, uma vez que as contas para pagar no fim do mês não esperam por melhores dias."

'Faça-se luz!' – Insularidade: A Criação Cativa', documentário de Crist

“Para dar voz e rosto

ina Vieira, tem estreia pública marcada para 29 de outubro, pelas 18h, no Teatro Baltazar Dias

“...a quem sonha mais alto”



...ras, seria um ‘massacre’.

Aqui estão representados os projetos que se dedicam, principalmente, à criação de originais ou versões criativas que procuram um conceito inovador, e que tenham obra editada, bem como um percurso consistente.

A própria Cristina, enquanto criadora, e mesmo não sendo ilhéu, alguma vez sentiu na pele este ‘sufocamento’ artístico que o filme aborda?

Tenho a sorte de já ter visitado algumas comunidades madeirenses lá fora, enquanto membro da minha banda. Ao conhecerem o projeto, procuram um pouco de contacto com as raízes da sua terra, e por este ser de cariz tradicional, essa mensagem torna-se familiar. Mas é inevitável o questionamento: “Então e novos públicos? Como entrar nos circuitos dos festivais do género?” Como dizem alguns dos músicos no próprio documentário, “(...) para um músico, é essencial que o público mude (...) por cá, estamos no nosso quintal, a tocar para os nossos amigos, o que, não sendo negativo, torna-se insuficiente para crescer enquanto artista”.

Hoje em dia, parece-me que a questão da geografia é menos limitadora. De uma certa forma, o mundo tornou-se mais pequeno, conseguimos chegar mais rápido a todo o lado, e a Internet quase que quebra todas e quaisquer fronteiras. Ainda assim, porque será tão difícil esse movimento de exportação artística a partir da ilha? Estamos a falar de outro tipo de barreiras, que não as geográficas?

Claro! Na minha opinião, a Internet ajuda, sim. Ajuda enquanto cartão de visita, é uma espécie de montra onde está exposta uma grande panóplia do que se faz de bom e de mau. Não substitui, de modo algum, a presença física em palco, onde a verdadeira magia acontece. A Internet põe um obstáculo crucial entre o artista, ou a obra, e o seu fruitor: o ecrã. Essa ilusão de que estamos todos mais perto de tudo talvez se justifique no âmbito da pesquisa de assuntos, mas nada substitui a carga energética que se troca quando, presencialmente, estamos num ou noutro lado do palco: a assistir ao espetáculo ou em frente a um microfone.

Quais serão as barreiras mais difíceis de transpor?

As mais difíceis de ultrapassar são, muitas vezes, as informativas e as do saber. O ‘como chegar’ aos nichos de mercado em concreto, quais os meios necessários e disponíveis para tal, ou as barreiras sócio-culturais, onde se verifica que, aquando da contratação, é dada primazia aos artistas de fora. Não tendo eu nada contra, acredito que se o caminho inverso acontecesse, a nossa cultura expandir-se-ia, e a motivação dos nossos artistas e futuros artistas em fase escolar, por exemplo, conheceria finalmente um propósito maior, um objetivo mais concreto, no qual vale a pena investir, porque o mercado passaria a ser mais amplo e aberto.

Acha, então, que os artistas madeirenses se sentem, de alguma forma, ‘diminuídos’?

Não gosto da palavra ‘diminuídos’... Não me parece que seja esse o caso. O que me parece é que a motivação, por vezes, é escassa, o horizonte de perspectivas e expectativas não é risinho, não há grandes apostas nas bandas madeirenses para se internacionalizar a música criada cá na Região.

Uma aposta forte no melhor que temos a nível musical, em paridade com o que acontece noutras reali-

dades geográficas semelhantes à nossa, com estratégias concretas de internacionalização de projetos musicais, e não só, e com provas dadas quanto ao seu resultado, seriam, a meu ver, de máximo relevo para todas as partes envolvidas.

É preciso uma ‘dose extra’ de coragem para se ser artista numa região como a Madeira?

O facto de alguém se assumir como artista, em qualquer lugar do mundo, é já um ato de coragem, de entrega, de paixão. Não é fácil em parte alguma. Só uma grande dose de querer, de persistência, e até de teimosia, pode, eventualmente, permitir à mensagem encontrar um caminho. Mas, para responder a essa pergunta, vou citar a expressão do Aires Pereira, um dos músicos do documentário: “Enquanto um músico em Portugal (continental) tem de dar 100, aqui na ilha nós temos de dar 200”.

Será o talento imune a todas essas pedras no caminho? Acredita que quem tem talento, tarde ou cedo, acaba por vencer? Ou nem sempre é assim, e haverá talentos que se perdem por entre as malhas desse tortuoso percurso?

No meio de tanto ruído, infelizmente, há muitos talentos que se perdem. Ou porque desistem pela

tal falta de oportunidades, ou porque se dedicam a outra atividade, uma vez que as contas para pagar no fim do mês não esperam por melhores dias. Alguns [demasiados] conseguem aquele reconhecimento localizado, o chamado sucesso ‘assim-assim’, o sucesso relativo ou ‘de quintal’. De uma coisa eu tenho a certeza, os verdadeiros sucessos não chegam a lado algum sem muito trabalho, dedicação e uma entrega de corpo e alma pela causa.

A ‘luz’ com que o filme despontou é diferente daquela que emerge quando a palavra ‘FIM’ surge no ecrã?

A pergunta inicial, comum a todos os artistas convidados, provoca reações, desencadeia discussões, aponta possíveis direções, mas, inevitavelmente, levanta muitas mais questões inerentes à primeira.

‘Faça-se luz’ é um desejo ou uma ‘ordem’?

É, sobretudo, um desejo. A ordem, eu diria que está do lado de quem, detentor de autoridade competente, possa executá-la. Não me parece uma missão impossível; complexa sim, mas não impossível. Existem vontades, existem talentos, existe qualidade. E, sobretudo, existem sonhos. Este documentário nasceu para dar voz e rosto a quem sonha mais alto. **JM**

nário, Sandra Branco, Fábio Me-
nezes, Dieter Pereira, Bruno Lobo,
Dino Olim, Rodolfo Sousa, Dani,
Ángelo Sousa, Bruno Lucas, Duarte
Santos, Luís França, Vitor Filipe,
Pedro Macedo Camacho, Nuno Fi-
lipe, Bruno Jasmins, Nuno Morna,
Ricardo Vasconcelos, Mariana Ca-
macho, Filipe Ferraz, Diogo An-
drade, David Atouguia, Miguel
Freitas, António Jesus, Cláudio
Aguiar, Carlo Rodrigues, Lee Jones,
Aires Pereira, Bruno Santos, Jorge
Maggiore, Nelson Sousa, Alexandre
Andrade, Ricardo Dias, Rui Ca-
macho, Roberto Moritz, Manuel
Rodríguez, Tozé Cardoso, Vitor
Sardinha, Szepesi László, Mário
André Rosado, José Luis Fernan-
des, Márcio Faria, Norberto da
Cruz, Fábio Pereira, Alexandre
Lima e Paulo Nascimento.

Poderiam estar nesta lista muitos
mais. No universo da criação de
originais, temos muitos talentos
na ilha, mas tivemos de restringir
o número porque não poderíamos
fazer um documentário de 50 ho-



“
O facto de
alguém se
assumir como
artista, em
qualquer lugar
do mundo, é já
um ato de
coragem, de
entrega, de
paixão. Não é
fácil em parte
alguma.”